

FONTE : JB

CLASS. : 05

DATA : 19 03 89

PG. : cad. 3  
capa / 4

■ **Amazônia**

# A fome da onça

*Edilson Martins*

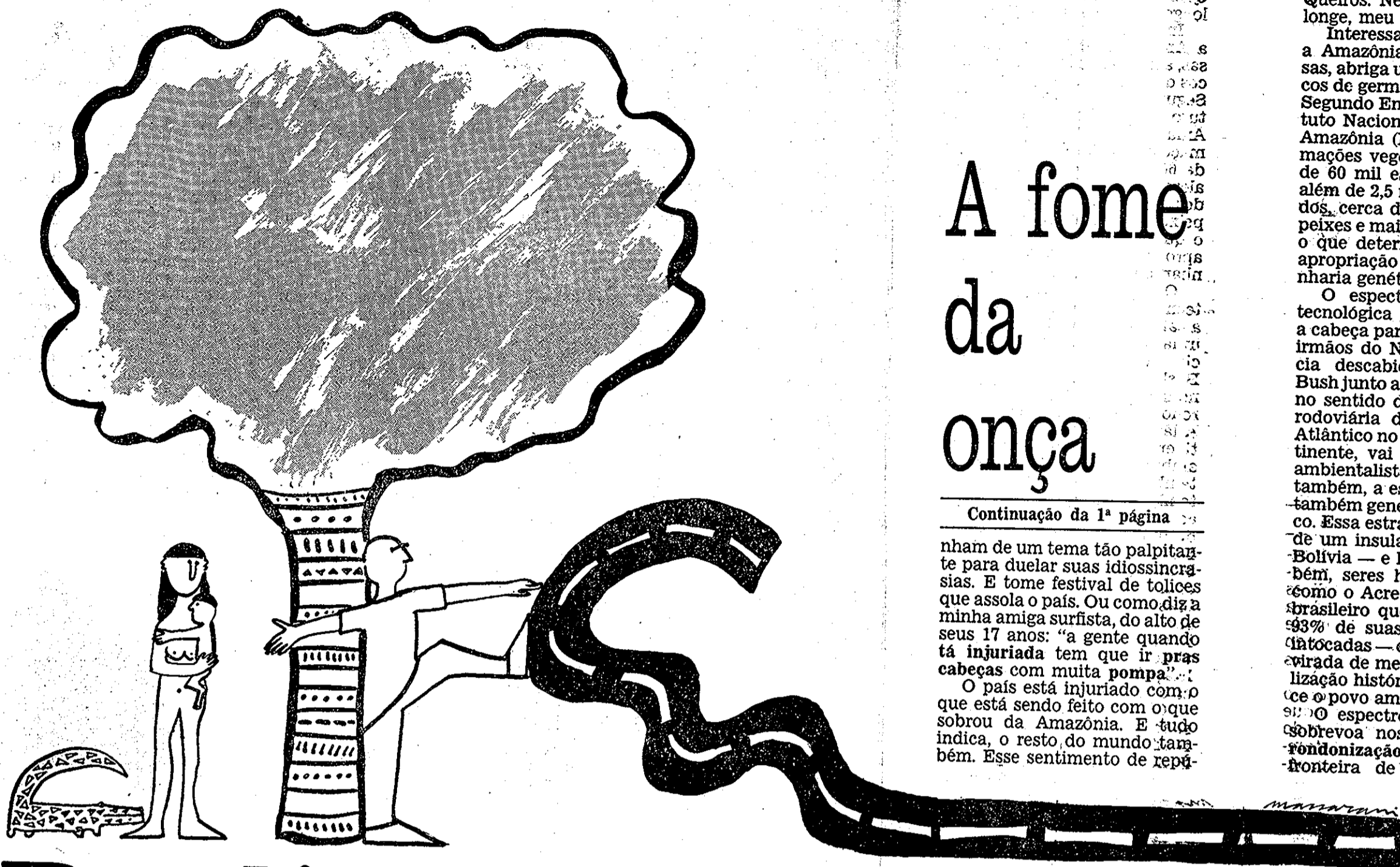
**Q**UAL o brasileiro sensível que ignora o delírio de Brás Cubas? Não sabe o que está perdendo. Numa região deserta, o ensandecido Brás encontra-se diante de um "vulto imenso, figura de mulher", vulto egoísta, indiferente, surdo e eternamente impassível. Brás reconhece nessa figura a Natureza, mãe e inimiga. Ela lhe explica a lei cruel que rege o Universo; "A onça mata o novilho porque o raciocínio é que ela deve viver".

Mas tudo acaba, até mesmo um pesadelo machadiano. E o monstro que levou Brás Cubas para aquele deserto, famigerado lugar perdido, vai-se diluindo, diluindo, tornando-se cada vez mais inofensivo, até retornar à figura familiar de seu gato. Ah, meu bom Machado, como você faz falta numa hora de tanta polêmica e tão poucas luzes!

Da Amazônia pode-se dizer tudo, menos que a conhecemos. Essa a questão primeira. O resto é paisagem. E paisagem muitas vezes incendiada, polemizada, arrebatada pelas emoções, desconhecimento e falta de humildade. Há muito tempo a Esquerda e a Direita não dispu-

Continua na página 4

Amazônia



# Realismo e racionalidade

## A construção da rodovia Acre-Peru não vai criar danos ecológicos, além de ser um fator de progresso para a região

Oscar Boechat Filho

O contorno do vasto espaço drenado pela bacia hidrográfica amazônica, segundo coordenadas geográficas definidas, abriga porções de áreas cuja soma compõe o condômino de oito nações sul-americanas — Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. Caracteriza-se essa região por exibir indicadores extremamente díspares: a superfície total — equivalente a 12 vezes e meia o território francês — atinge 7 milhões de km<sup>2</sup>, com 20% da disponibilidade mundial de água doce e 33% das reservas de florestas latifoliadas do globo. Por outro lado, a densidade demográfica mal alcança 1,6 habitantes por km<sup>2</sup>, a renda individual vigente é irrisória, enquanto a riqueza potencial é incensurável, representada por milhares de variedades da fauna, da flora, do reino mineral, permitindo, assim, a ocorrência de fontes diversificadas de matérias-primas para o desenvolvimento e bem-estar do mundo da atualidade e do futuro.

Uma região com marcas tão acentuadas e dotada de características tão distintas, que tornam complexa a operação do trinômio população-território-recursos naturais, requer fórum próprio para o debate de seus problemas comuns: a Organização dos Estados Americanos (OEA), em que se incluem os Congressos Pan-Americanos de Rodovias, busca, em âmbito regional, satisfazer as aspirações de seus países membros, os latino-americanos e os EUA; no plano sub-regional, o Tratado de Cartagena (Pacto Andino), firmado em 1969, volta-se para os interesses específicos do Grupo Andino, enquanto o Tratado de Cooperação Amazônica (Pacto Amazônico), celebrado em 1978, pelos Oito da Bacia Amazônica, distingue-se pela maior abrangência. Na realidade, os dois Tratados se complementam, na busca solidária dos objetivos nacionais dos países inseridos na Amazônia.

O caloroso debate que se trava no mundo sobre o tema amazônico, com matizes variados e interpretações múltiplas, sugere que se lembrem as linhas-mestras de alguns princípios rigorosamente atuais, inspiradores do Tratado de Cooperação Amazônica: 1 — a competência exclusiva dos países da Região no desenvolvimento e proteção da Amazônia; 2 — a soberania nacional na utilização e preservação dos recursos naturais; 3 — a cooperação regional; 4 — o equilíbrio e a harmonia entre o desenvolvimento e a proteção ecológica; 5 — a absoluta igualdade entre os parceiros.

As partes contratantes preocuparam-se, ainda, com a criação de uma estrutura física, entre os respectivos países, especialmente em transportes e comunicações, com destaque específico às interconexões rodoviárias. Com efeito, a presença das estradas, nas solitárias fronteiras amazônicas, cresce de importância não apenas como fatores de colonização e integração, preservação da segurança e da soberania nacionais, mas, até mesmo para tarefas operacionais rotineiras, como o combate ao contrabando e ao narcotráfico.

Dentro desse contexto, ao longo das últimas três décadas o Brasil estendeu a pares-de-pontos ao longo dos 15 mil 719 km de fronteiras, do extremo Sudoeste ao Oiapoque, pelo menos 25 grandes eixos rodoviários irradiados a partir de Brasília e que resultaram de amplos debates regionais e de acordos bilaterais. Com o Peru, por exemplo, o par-de-pontos mais significativo situa-se em Boqueirão da Esperança/Cerro La Bandera, já que o par alternativo Assis Brasil-Inapari implicaria ligação de custos mais elevados.

Fixemo-nos, agora, em algumas considerações sobre a Rodovia Santos—Brasília—Acre—Peru, que, pela importância de ligar o complexo portuário do litoral de São Paulo, no Atlântico, ao porto de Callao, próximo de Lima, no Pacífico, foi amplamente debatida nas comissões e aprovada no plenário do Congresso Pan-Americano de Rodovias, reunindo em Caracas, em 1979, como integrante do Sistema Pan-Americano de Rodovias. O estirão de Santos a Porto Velho, via Brasília, foi concluído há algum tempo, enquanto o trecho Porto Velho—Rio Branco está em ritmo lento de obras. A extensão remanescente, Rio Branco—Boqueirão—Pucallpa—Lima, passando pela transposição dos Andes, em Cerro de Pasco, na cota de 3 mil e 200 metros, é que ficou conhecida, sucintamente, como a Rodovia Acre—Peru. Com 1 mil 760 km, requer um pacote de investimentos da ordem de US\$ 950 milhões, podendo até mesmo exceder esse valor, em função de obras complementares e melhoramentos do traçado. O trecho brasileiro, Rio Branco—Boqueirão, em relevo mais favorável, exigirá recursos em torno de US\$ 320 milhões, já incluídos no referido pacote.

Há significativo interesse do Japão pela Acre-Peru, em particular pela sua tradição como importador de madeira tropical beneficiada ou em toras, imprescindível para abastecer segmentos de seu diversificado parque industrial, chegando

mesmo a consumir 40% do produto comercializado no mercado mundial. No ano passado, por exemplo, as suas importações, apenas da Indonésia e Malásia, alcançaram US\$ 450 milhões. Mas, os fornecedores do sudeste asiático preferem, agora, comercializar o produto no mercado internacional, forçando o Japão a buscar fornecedores alternativos. A chave para a formação de preços competitivos estaria na redução de custos de transportes, o que seria viabilizado pela ligação rodoviária Acre-Peru. Há ainda outro ângulo para análise, um tanto sutil, que empresta especial relevância à estrada: a sua abertura permitiria o acesso a um universo farto, rico, de produtos regionais, incluindo a madeira, de que carece a indústria japonesa.

Recentemente, uma escalada de pressões internacionais incidiu sobre projetos de desenvolvimento da Amazônia e que teve seu climax com a visita à região de parlamentares e pesquisadores americanos, nos dias imediatos às queimadas e ao assassinato de Chico Mendes, líder dos seringueiros. A eficiente campanha dos sete mais ricos já se fez sentir: o Banco Mundial e o BID vetaram o financiamento à estrada, enquanto as instituições japonesas, tradicionalmente lentas nas negociações, recuaram. O cerne do argumento fixa-se na proteção da ecologia da Amazônia, sobre o que há unânime concordância, já que constitui princípio básico do próprio Pacto Amazônico. Segundo os críticos, a construção da Acre-Peru provocaria danos irreparáveis à ecologia, além de prejudicar nações indígenas e estimular práticas comerciais predatórias. É claro que tal argumento não subsiste, visto que os organismos tradicionais de crédito dispõem de mecanismos que neutralizam a agressão à natureza ou restabelecem as condições iniciais, mediante projetos específicos embutidos no plano integrado proposto.

Realismo e racionalidade são ingredientes básicos para a compreensão do desafio da grande região-continente. Como no mundo todo, também na Amazônia o desenvolvimento obedece a um determinado histórico e resulta, assim, inexorável. Compatibilizá-lo com o equilíbrio do meio-ambiente é, no longo prazo, o melhor investimento para os países condôminos da Amazônia e uma das raras alternativas de sobrevivência para a humanidade.

Oscar Boechat Filho, engenheiro-consultor e professor universitário, é diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro

# A fome da onça

Continuação da 1ª página

nham de um tema tão palpitante para duelar suas idiossincrasias. E tome festival de tolcees que assola o país. Ou como diz a minha amiga surfista, do alto de seus 17 anos: "a gente quando tá injuriada tem que ir pras cabeças com muita pompa".

O país está injuriado com o que está sendo feito com o que sobrou da Amazônia. E tudo indica, o resto do mundo também. Esse sentimento de repul-

ção — resultante da nação injuriada — precisa ser exercido com competência. Do contrário, vamos mergulhar no delírio de Brás Cubas; transformar um inofensivo gato angorá num inponderável monstro de seis cabeças. Gosto do número seis?

"Amazônia — pulmão do mundo". "Inferno Verde". "El Dorado". "Solo mais rico do mundo". "Terra imprestável para qualquer cultura". "Região inacessível ao homem". "Na Amazônia não se toca".

A mais recente bobagem repetida com pompa, diria a minha amiguinha surfista, é a floresta amazônica como única capaz de deter o terrível efeito estufa. Essa "descoberta" não é menos terrível, já que nos culpabiliza, como se fossem somente as queimadas a responsável maior pelo desequilíbrio que assola o mundo. O buraco é bem mais embaixo.

Não vamos sequer falar das experiências atômicas, do parque industrial do 1º Mundo, das guerras químicas, da destruição das florestas temperadas e mesmo tropicais em nome do lucro do "jogo rápido". Seria chover no molhado.

O que a esquerda precisa, quem sabe, é se articular melhor, refletir com mais densidade, resgatar a humildade, estudar mais a região amazônica, do contrário a direita vai engulfi-la. Sopa quente, conforme me ensinava um irmão seringueiro, nas margens do rio Purus, a gente come pelas beiras.

Não dá para subestimar o que estão dizendo, por exemplo, o General Meira Mattos, o Coronel Jarbas Passarinho, o professor Samuel Benchimol, entre outros. É bom ler a Direita. Re-

### No caso da Amazônia, a esquerda precisa aprender com a direita

member Marx e Engels. Até porque não dá para afirmar que as Forças Armadas careçam de conhecimento para falar sobre a Amazônia. O diagnóstico pode ser contestado, mas não há como negar a intimidade desse setor com a região.

Não são fins-de-semana em Xapuri, no Acre, nas ruas onde Xico Mendes pisava, onde viveu e foi assassinado, que capacita a Esquerda a falar com pompa — voltemos a moça surfista — da Amazônia. Até o correto jornalista Ricardo Lessa caiu nessa armadilha. Escrever, por exemplo, que no assassinato de Xico Mendes a ligação do latifúndio com esse crime é duvidosa, é talvez cometer o pecado do juízo ligeiro, de que já nos advertia o inesquecível Eça de

Queirós. Nem a direita foi tão longe, meu amável Lessa.

Interessa talvez lembrar que a Amazônia, entre outras coisas, abriga um dos maiores bancos de germoplasma do mundo. Segundo Enéas Salati, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), as suas formações vegetais abrigam mais de 60 mil espécies de plantas, além de 2,5 milhões de artrópodos, cerca de 2 mil espécies de peixes e mais de 300 mamíferos, o que determina interesses de apropriação e controle da engenharia genética na região.

O espectro da dominação tecnológica japonesa sobrevoa a cabeça paranoica dos "nossos irmãos do Norte". A interferência descabida do Presidente Bush junto ao Governo japonês, no sentido de sustar a ligação rodoviária do Pacífico com o Atlântico no cone norte do Continente, vai além de cuidados ambientalistas. Diz respeito, também, a esse desconhecido e também generoso banco genético. Essa estrada além de retirar de um insulamento perverso a Bolívia — e lá vive gente, também, seres humanos — assim como o Acre — o único estado brasileiro que ainda dispõe de 93% de suas matas primárias intactas — ela acena com uma virada de mesa numa marginalização histórica, da qual padece o povo amazônico.

O espectro hamletiano que sobrevoa nossas cabeças é a rondinização do Acre, última fronteira de nossa expansão agrícola. Ninguém quer repetir — falo de pessoas sensatas e enxergando um palmo além do nariz

no Acre, nas florestas peruanas, nas florestas bolivianas, o que aconteceu criminosamente em Rondônia.

Em nome desse medo, justo, sensato, não se pode, veja bem, condenar os seringueiros, os castanheiros, os ribeirinhos, os habitantes das cidades médias e pequenas, dos vilarejos, os pobres da floresta, enfim, a um isolamento cruel e perverso. Tá todo mundo falando em nome do Xico Mendes. Podem me acusar de tudo, podem até duvidar da existência do Sol. Mas não neguem minha amizade com o Xico. E ele não era contra essa estrada. Fazia, sim, as reservas acima expostas, mas não era contra. Era lúcido demais para tropeçar numa evidência.

Um outro dia, descansava meus tédios sob a copa de um mogno, na rodovia que leva à Brasília, no Acre, quando fui abordado por um castanheiro. Veio a história da rodovia, asfaltada, com carros e ônibus circulando.

O Sr. pode ser contra, disse-me ele, e tem lá suas razões.

Quais são? perguntei.

Duvido que em sua casa não tenha banho quente, que eu pessoalmente não suporto. Não tenha luz, não tenha gás.

Aonde o Sr. quer chegar? indaguei.

Pimenta nos olhos dos outros pode ser refresco.

Tá todo o mundo desovando as pernas em torno da ocupação da Amazônia. Tanto a direita, como também, e principalmente, a esquerda. Mas até agora ninguém se lembrou de ouvir o habitante das selvas, o ribeirinho.

E bem que mereciam ser ouvidos. Índios, seringueiros, apañadores de drogas — ralaxe, não se tratam das drogas que você está pensando —, castanheiros, ribeirinhos, estão na Amazônia há séculos e nunca a ameaçaram de forma irreversível. Souberam e sabem conviver harmoniosamente com a região, pagaram a conta da consolidação, da ocupação, e agora não lhes ouvimos porque não têm Phd. Com os diabos.

Que a direita, na região deserta, diante do "vulto imenso, figura de mulher", reconheça a figura da Natureza, mãe e inimiga, já não é tão novidade assim. Mas que a esquerda, embarcando na mesma "viagem", leve o familiar gato angorá à condição de monstro, por total desconhecimento de suas pegadas, é enganoso, senão pesadelo, que desserve, e compromete.

Até porque a Amazônia, do que sobrou, não pode ser ocupada, sob o signo da paranoia. A defesa da Amazônia não passa pela histeria. Os histéricos somos nós. Os povos da floresta sempre souberam sorrir.

A onça mata o novilho porque o raciocínio é que ela deve viver". Encuanto discutimos a sobrevivência do novilho a onça não é o mundo continua cada vez mais faminta e insaciável.